

V.º CONGRESSO SAUDAÇÕES

Queridos camaradas,
O Comité Central do Partido Comunista Francês, certo de exprimir os sentimentos de todos os seus membros, os antifascistas e democratas da França, deseja o êxito ao V.º Congresso do Partido Comunista Português.

Em momentos em que, no conjunto das pilhas dependentes e colonizadas, se erguem poderosas forças decididas a oprimem-se às mágoas da exploração, da opressão e guerra dos imperialistas, há vespéras do 40.º aniversário da grande Revolução Socialista de Outubro, que abriu a todos os povos do mundo a marcha para o Socialismo, os trabalhos do vosso Congresso não podem deixar de ter profundas e felizes repercussões sobre as condições de vida e sobre o futuro das populações labregas de Portugal.

Os factos mostram que entre as diferentes camadas da vossa povo existe a firme vontade de pôr fim à situação subalterna, pela dependência económica e política, contra o domínio estrangeiro sobre o país. O proletariado das cidades e dos campos, toda a povo português, livremente organizado, manifesta a sua vontade de acabar desde já com toda a trina e as paixões sob o seu jugo.

A experiência da vossa Partido, as experiências adquiridas no trabalho em fábricas, devem permitir, apoiando-se solidamente em toda a luta sobre as forças operárias, a realização de uma união muito mais ampla e mais firme, mais duradoura, bem como a instauração dum regime que dê ao povo os direitos e as liberdades democráticas.

Queremos, portanto, vos a afirmar a nossa inteira solidariedade e todos os camaradas actualmente atingidos pela repressão, assegurando-vos os nossos mais fraternais sentimentos, desejamos pleno sucesso ao vosso Congresso.

Viva a classe operária e o povo de Portugal!
Viva o Partido Comunista Português!
Viva a internacional proletária!
O Comité Central do Partido Comunista Francês.

31 de Julho de 1957

AS CRISES MINISTRIAIS EM FRANÇA

As impressões e alguns governantes fascistas portugueses, relembrando por vezes as crises ministeriais em França, pretendendo demonstrar que elas são inerentes aos regimes democráticos, pretendendo assim descreditar a democracia e a liberdade, e ao mesmo tempo justificar a existência no país do regime de terror, violência e crimes que há 31 longos anos impuseram ao povo português.

As crises do tipo que dizem, não é por haver democracia em França que os governos se não aguentam no poder, mas antes, pelo contrário, porque a democracia não é

13 JORNALISTAS QUE SE DEMITEM

Entre os jornalistas do «Diário Ilustrado» — entre os quais o chefe de redacção — pediram a sua demissão, como protesto contra o desmerecimento de um dos seus colaboradores e contra as perseguições e vexames de que vinham sendo alvo. Em seu apoio acorreram 40 jornalistas de todos os jornais do Porto enviando uma exposição ao Conselho de administração do «Diário Ilustrado» e ao Sindicato dos jornalistas onde pedem a reintegração de redacção despedida. A direcção deste jornal convenceu a representação dos jornalistas do Porto a pretexto de fornecer-lhes informações, mas, o tratamento que lhes dispensou encerramento numa sala com aparelhos de gravação, pedindo-lhes a saída, etc., etc., etc., contribuiu para aumentar a indignação que levou os meios jornalísticos e pôr em evidência a injustiça da posição do jornal.

Saudando o bom espírito de solidariedade manifestado pelos jornalistas do «Diário Ilustrado» consideramos, no entanto, que foram desmerecidos e despedidos. Mantendo-se no jornal, poderiam ali desenvolver a luta pela reintegração do seu colega e contra as perseguições da direcção.

respeitada, quer dizer a causa principal das crises ministeriais é o facto de os políticos burgueses não respeitarem o direito, tanzem em governar ignorando a vontade de mais de 5 milhões e meio de eleitores, com toda a influência que eles exercem na situação política da população, os quais daram os seus votos e dão o seu apoio ao Partido Comunista Francês, fazendo dele o maior Partido da França.

Evidentemente a situação continuará a manter-se enquanto os comunistas não participarem no governo, como da direita lhes compete. Se ali a dita situação não se verificou, a culpa é de O. C. François, não foi devido sucessivos apelos aos Socialistas e Radicais, para que seja formado em França um governo popular da coligação que enfrentasse e resolvesse os mais graves problemas nacionais, tais como o problema argelino e outros.

A guerra colonialista conduzida na Argélia, como é que antes conduziram na Indochina, e a luta de grande maioria dos povos argelinos, foram e continuam a ser também uma das principais causas da instabilidade dos governos em França. Estas guerras que trazem a catástrofe e a morte aos milhões, tanto em vidas como em bens no momento, nada têm que ver igualmente com a democracia, pois tem o carácter de predação porque se trata de uma guerra colonial, como antes se negou ao indochinês, a possibilidade de resolverem democraticamente os seus problemas. O que é mais para lamentar de papel que os jornalistas como Mallet, Finas, Lancelotti, etc., tem tomado na condução destas guerras.

Também porque em França não é conduzida uma política democrática que vise o aumento do bem estar da maioria do povo, mas ao contrário, se faz uma política favorável aos poucos, a minoria, e os poucos que os trabalhadores franceses usando de um soberano direito são forçados a entrar em greves cada vez mais poderosas para defender os seus direitos. Assim, em Junho de Outubro em que participaram milhões de trabalhadores em luta por melhores salários e pela Paz na Argélia.

Os socialistas, que se aliaram a vontade dos eleitores e a democracia foram respeitados em França, então haverá governos estáveis e o povo francês terá a paz e o bem estar e que tem direito.

UM ACONTECIMENTO NOVO no nosso meio musical

Assim classificou o «Diário de Lisboa» o Concerto «Internacional da Pátria» para o primeiro V.º da Mota. No meio de uma enorme, entusiástica e por vezes apaixonada assistência as provas decorreram com a especialidade dos músicos ligados ao público que a elas assistiu e co que as seguiu pelas informações diárias.

«Foram a parte absolutamente toda-poderosa burguesa, a «Revista da Música» absolutamente dominadora de «Akselrod» (segundo as palavras da crítica musical Francisco Benelli) que arrebataram a assistência e os dois primeiros lugares do concurso para a URS. O prémio «cidade de Lisboa» foi ganho pelo polaco Miodz Magin e o jovem pianista Sérgio Varela Ditz, classificou-se em 4.º lugar.

Sinceramente gostaríamos de ver melhor classificado mas a verdade é que meio meio sem estímulo ou protecção oficial em que o povo vive isolado dos artistas, relegado propiamente para um baixo nível, num meio em grande parte indiferente ou neutro, o classificado do pianista português não pode ser considerado um êxito. Há outros artistas vindos de países onde a arte é cultivada praticada e estimulada em alto grau como é o caso da URSS, da Alemanha, da Itália, aliás, não há necessidade de Akselrod e Chitzman que explicam o seu humilhante êxito. Alegremo-nos com o êxito do artista português e o presente. Lamentamos por outro lado que talentos como o do Sérgio Varela Ditz, Sequeira da Costa e de outros por nós ignorados não tenham sido atraindo a protecção e o estímulo para o seu completo florescimento.

Ela e outros acontecimentos provêm bem como é justo o nosso propósito de mostrar a existência de uma situação de regressão ao fascismo e burocratismo pedem-se seriamente a nossa arte. Por tudo isto surge cada vez com mais urgência a necessidade de uma política cultural que não se limite a verdade de tornar em lugar uma posição de luta contra um estado de coisas que, a prolongar-se, só pode trazer ainda mais prejuízo à arte portuguesa.

A liberdade de criação, a luta contra a censura são tão necessárias para o florescimento da nossa arte, literatura e ciência como o ar para nós respirarmos.

A LUTA DOS TRABALHADORES DE LISBOA DEVE CONTINUAR

Por meio de um decreto o Ministro das Corporações determinou que acabasse a categoria dos profissionais «desempregados de Lisboa».

Numa lista de 800. Desse 800 foram ligados ao Sindicato dos Estiladores do Porto de Lisboa, onde a sua inscrição foi feita acólite como trabalhadores. Assim, os seus direitos quando houvesse falta de estiladores sindicalizados e perderam o direito a todo o dinheiro que haviam descontado para o antigo sindicato.

Formou-se uma Comissão de Desempregados que foi prolestar junto do Instituto Nacional de Trabalho onde se encontra qualquer solicitação a uma COMISSÃO MANTEVE-SE ALI NO I.N.T. DESDE AS 18 HORAS ATÉ ÀS 2 DA MADRUGADA E SO ALI SE DEPOIS DE 18 HORAS DESEMPREGADO COM A PIDE. Trás dias depois todos os elementos dessa comissão que dormiram em casa foram presos pela PIDE. Ali, perante a justiça das suas reivindicações a polícia veio que os mandou embora.

Esta mesma Comissão resolveu então dirigir-se ao próprio ministro, para o que o abordei à saída do Ministério quando este se a entrar no automóvel. O ministro assustado respondeu-lhes que tinha 200 funcionários.

PROTESTO DOS LOJISTAS DE LISBOA

Realizou-se em fins de Setembro um vasto reunião dos directores das grandes lojas de Lisboa para aprovar um documento onde se lavra um violento protesto contra o Decreto-lei 41.204 que, para o comércio de Lisboa, não estabelecerá condições de lucro líquido em 10%, para o comércio por grosso e em 15%, para o comércio a retalho. Considerando estas condições de comércio uma limitação à liberdade do documento afirma que o decreto veio causar um vazio descontentamento nos dirigentes destes Organismos (organismos corporativos) a provocar reacções nos milhares de profissionais das actividades comerciais de todas as espécies. «Num outro passo diz-se no documento: «Trata-se do comércio e de uma família e não se trata em risco a nossa liberdade individual». E mais adiante: «A manutenção do absurdo da sua redacção (do Decreto) à maioria das actividades comerciais não tem estado que reduzir ao mínimo a sua actividade, liquidando os seus estabelecimentos (...). E aos Grêmicos que abrangem essas actividades se restringem a desenvolver a actividade principal finalidade deixará de ter oportunidade». E ainda: «Cremos que em nenhum outro país alguma se lembrou de tal situação a liberdade profissional das actividades profissionais».

nários a trabalhar no assunto e que por isso estava muito admirado com o sucedido. Que tudo isto não passava de cinismo por parte do Estado. Depois de 3 meses o ministro não ter resolvido a não ser mandar a PIDE prender elementos que compunham a Comissão.

Assim os desempregados só um caminho resta: o do reforço da sua unidade e da sua luta pelas suas justas reivindicações e pela libertação imediata dos desempregados.

OS ASSALARIADOS AGRÍCOLAS LUTAM CONTRA A POME E O DESEMPREGO

Os assalariados agrícolas estão travando, por todo o país, uma luta contra o desemprego e a fome que invade os seus lares.

Em Beirão, onde desde Agosto os camponeses vêm promovendo concentrações (junto da Casa do Povo) para reclamar trabalho, tiveram lugar recentemente concentrações de grupos de 60, 80 e 100 assalariados agrícolas, dirigidos pela Casa do Povo para os convencer a esperar mais alguns dias, criaram certa tensão na massa desempregada de uma concentração forçou a saída de alguns camponeses para trabalhar. Assim, não podem mais trabalhar. Durante uma semana foram todos os dias à Casa do Povo. Perante a unidade e a solidariedade dos camponeses o presidente da Casa do Povo viu-se forçado a fazer algo para resolver a situação dos desempregados, levando um embaixador a pedir desculpas aos camponeses.

As vitórias às obtidas pelos camponeses de Beirão e Aldeia Nova de S. Bento são um bom exemplo da quanto vale a unidade e a firmeza que o Povo tem e a capacidade de enfrentar os milhares de operários e camponeses desempregados e os mil milhões que vivem no desemprego com a paralisia total da mina de volfrâmio do Vale das Gelas.

UNIDOS PARA A ESCOLHA DUM CANDIDATO...

(continuação)

compreender que a sua perturbação ante o agir do espanhol do comunismo beneficiava também, apenas os inimigos da democracia. Durante a campanha eleitoral ficou demonstrado que só está livre de ser acusado de comunista quem se sente e não se dá a entender, como é o caso de quem se vendeu aderindo à «União Nacional».

As falcatruas, ilegalidades e arbitrariedades cometidas não mostram força do governo, mas sim debilidade.

A proibição de sessões ao ar livre (no Coliseu do Porto estiveram mais de 3.000 pessoas, mas já foram movimentadas cerca de 10.000) com o intuito de grandiosas manifestações de massas a não autorização de sessões em Lisboa quando o tribunal ainda não tinha decidido sobre a legalidade dos candidatos a eleições, a aplicação de toda a propaganda democrática, o envio de contingentes da Polícia do Porto para Braga e a prevenção de todo o exercício no dia das eleições, a presença obrigatória da autoridade policial em todas as sessões da oposição, a presença da PIDE junto de todas as reuniões democráticas que se propõem ser candidatas e a sua intervenção e provocação ostensivas nas ruas, como sucedeu em Lisboa a Porto, a pressão exercida pelos círculos governamentais sobre os proprietários de salas para que se cedessem nos democratas sob a ameaça de represálias futuras, tudo isto longe de demonstrar força e segurança, mostra que o governo não está a nível, segundo a sua força e muito menos a nível de moralidade.

TODOS AO RECENSAMENTO

Como os próprios subalternos reconheceram certificaram-se graves consequências para os subalternos electores de Braga e Porto.

Como no próximo ano se vão realizar as eleições para a presidência da República, todos os cidadãos portugueses e anti-socialistas devem comparecer imediatamente a trabalhar para que essas eleições não se façam na ausência de um recenseamento que já se verifica incorrecto.

Que todos os trabalhadores se recensem e promovam uma ampla participação de todos os cidadãos portugueses para que todos os que possuem capacidade eleitoral possam participar amanhã na eleição do presidente da República.

da confiança popular que diz ter.

As eleições presidenciais devem ser realizadas à base do próximo recenseamento.

Não foi casual que fosse justamente em Braga e Porto que as autoridades fizessem sérias obrigações a reconhecer a existência de irregularidades e graves deficiências nos cadastros eleitorais. Não foi acaso, sem dúvida, a combalidez das democracias lá onde puderam exercer uma certa fiscalização, não em julgar, pois, as acusações e reclamações dos cidadãos.

O reconhecimento dessas irregularidades exige que as próximas eleições presidenciais sejam realizadas à base do recenseamento que terá lugar de Janeiro a Março de 1958, e não pelo actual como o governo certamente querará impor.

Actualmente não sendo, todos os esforços deverão ser feitos para que todos os portugueses com direito a voto se recensem e liquem realmente recenseados.

Escolha imediata de um candidato à presidência da República

Para se poder travar a batalha eleitoral com a necessária segurança, é necessário que se escolha imediatamente de um candidato que, pelo seu prestígio, idoneidade moral, especificidade política e capacidade de trabalho, se comprometa a levar a cabo o programa todos os que aspiram a uma solução do problema político português num sentido democrático.

O decisivo tanto para a escolha de um candidato e sua apresentação como depois para o desenvolvimento da campanha eleitoral, é a unidade e consequente movimento de massas operárias, prontas a agir imediatamente com vista a mobilizar as massas para irem recensear-se em Janeiro próximo, à escolha do candidato e a travarem a batalha política eleitoral à frente dos seus companheiros de trabalho.

As massas trabalhadoras devem começar a discutir em toda a parte ends as necessidades da organização política e devem tomar organizadamente as suas próprias decisões. Da sua acção imediata dependerá a unidade de vistas e de acção da luta dos democratas e anti-socialistas portugueses.